



O pibid de geografia do ifrn como facilitador da prática docente

The ifrn geography pibid as facilitator of teaching practice

Levi Rodrigues de Miranda*, Isabel C. Viana**

*UMinho/IFRN, **UMinho

Resumo

O presente artigo apresenta dados resultantes de uma pesquisa no âmbito do doutoramento, em curso na Universidade do Minho, que objetivou a constatação do contributo do programa institucional de bolsas de iniciação à docência/PIBID para a formação do licenciando de geografia do IFRN. O estudo, quase finalizado, enquadrado por uma metodologia tipo estudo de caso, a partir da experiência dos bolsistas que atuam nas escolas da educação básica, evidencia um impacto positivo do programa para a formação inicial dos professores de geografia.

Palavras-Chaves: PIBID, iniciação à docência, formação docente, geografia.

Abstract

This article presents data from a PhD research in progress at the University of Minho, which aimed to verify the contribution of the institutional program of scholarship grants to the teaching / PIBID for the training of IFRN geography graduates. The study, almost completed, framed by a methodology like case study, based on the experience of the scholars who work in primary schools, shows a positive impact of the program on the initial formation of teachers of geography.

Keywords: PIBID, initiation to teaching, teacher training, geography.

Introdução

Para os futuros professores, em fase de formação da licenciatura de geografia do IFRN, conta como mais um estímulo para a sua formação, o apoio de um programa que os incentiva a continuarem no curso, dando-lhes razão para ter satisfação e realização na sua formação para a docência. Trata-se do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, um programa do governo federal, que tem contribuído de forma significativa, tanto para os graduandos da licenciatura de geografia do IFRN, como dos demais cursos de formação de professores da Instituição.

O PIBID foi instituído em 2007, no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, numa conjuntura de incrementação de políticas de incentivo à formação de professores, após a publicação da Lei de Diretrizes e Base, promulgada no ano de 1996. Coordenado pelo Ministério da Educação, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e Diretoria de Educação Básica (DEB), efetivamente teve o

início da primeira edição em 2009, se sucedendo novas edições, a cada dois anos, até o momento atual.

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa realizada com os bolsistas do PIBID do subprojeto de geografia do IFRN, no ano de 2014, ou seja, na 2ª edição do programa, o que resultou na construção da tese em nível de doutoramento. A pesquisa referida intitula-se *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência: um contributo para o (des) encantamento do licenciando de Geografia do IFRN*, tese vinculada à UMINHO, Braga/Portugal.

Com base nos resultados obtidos por meio do inquérito por questionário aos bolsistas do PIBID do curso de geografia do IFRN, constatase que o Programa tem possibilitado a formação centrada na prática escolar, no contexto geográfico do futuro campo de trabalho. Notou-se na fala dos investigados, que este programa proporcionou ao licenciando a prática da sala de aula na educação básica, espaço de criatividade e satisfação em fazer um ensino da geografia de forma mais compreensível e prazerosa.

A relevância do PIBID de geografia como propulsor da prática docente

A importância da experiência docente, através do referido programa, tem despertado o maior interesse dos bolsistas de geografia envolvidos no programa. Neste âmbito, buscamos fazer uma reflexão acerca da ação deste programa na melhoria do processo de ensino-aprendizagem de Geografia dos alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas da rede estadual da Cidade de Natal. Propomos, portanto, a reflexão em torno da compreensão como meta expressiva desse programa, a oportunidade da inserção dos alunos que cursam a Licenciatura em Geografia no IFRN no espaço da escola pública, oportunidade dessa forma de vivência na prática dos conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, com o intuito de contribuir para a transformação da realidade das escolas/ensino básico.

Com base na análise dos dados coletados, inferimos que a maioria dos bolsistas, apontaram a *Vivência docente* como um dos principais motivos do seu interesse pela bolsa do programa, considera-se, portanto, que estes veem o PIBID como uma oportunidade real de principiar, antecipadamente, a

prática na iniciação à docência no cotidiano das escolas da rede pública de educação básica, tal como revelam as suas falas:

“A experiência no PIBID tem sido de grande importância no incentivo a atividade docente pois proporciona inúmeros resultados satisfatórios para os alunos e professores, fazendo com que eu esteja sempre disposto a melhorar e criar novas metodologias interessantes” (F 26);

“Devido a proposta do projeto ser voltada, normalmente, aos primeiros contatos dos estudantes de licenciaturas a uma sala de aula, sua contribuição é de suma importância para o fazer docente em se acostumar e se inteirar das nuances presentes num cotidiano escolar” (G 36);

“(…) ver a realidade de uma sala de aula, tentar uma interação com a realidade vivenciada em uma sala de aula com relação ao caso aluno/professor” (D18);

“(…) Adquirir experiência na docência do ensino básico, e conhecer de perto a realidade das escolas públicas” (C11).

Esta perspectiva, por parte dos bolsistas da iniciação à docência, deve-se ao fato desse programa de cunho federal dispor de um suporte institucional que permite uma maior segurança e tranquilidade nessa fase do aprendizado docente para o enfrentamento à sala de aula, assegurando ao “iniciante de professor” as condições materiais e o apoio técnico para o desenvolvimento das experiências metodológicas, tecnológicas e as práticas docentes de caráter inovador.

O PIBID situa-se como uma das poucas e importantes iniciativas no Brasil de incentivo à indução do professor iniciante nas escolas da educação básica. Soares (2004, pp. 97-98) expressa que, com o objetivo de reter professores iniciantes na docência para o suprimento dos sistemas de educação formais, os programas de indução de professores se constituem numa realidade de outros países:

“Os programas de indução de professores iniciantes têm sido uma realidade em muitos países deixando clara a necessidade de apoio e de uma maior atenção para com os docentes nessa fase da carreira. Assistência institucional ao professor iniciante por meio de programas mais amplos de interações institucionais entre os centros formadores e os sistemas de ensino ou escolas, com maior repercussão, não tem sido observada na realidade brasileira”.

PIBID - Atividades didáticas colaborativas na escola

O PIBID ao disponibilizar os recursos necessários para uma prática pedagógica significativa impulsiona os bolsistas ao fazerem o planejamento das suas atividades numa perspectiva desejável para uma colaboração positiva junto aos supervisores de geografia das escolas onde vão atuar. Numa atitude

de proatividade planejam e elaboram ferramentas utilizadas conjuntamente com o professor para facilitar o processo ensino-aprendizagem, recursos didáticos estes que ensejam uma *práxis* estimulante e prazerosa no aprendizado dos conteúdos geográficos.

Na perspectiva de captar a riqueza de material didático e as metodologias trabalhadas pelos bolsistas, indagamos no questionário quais mecanismos foram utilizados para facilitar o processo ensino-aprendizagem nas escolas

Com base nas expressões dos respondentes, depreendemos que os bolsistas nas suas ações exploram diversos métodos pedagógicos, no intuito de tornar mais dinâmica a aula de geografia. Com a utilização de recursos didáticos diferenciados daqueles usados rotineiramente pela grande maioria dos professores, que se atem em parte do tempo/aula ao uso do livro didático ou ao ensino predominantemente verbalista, que por si só acaba a eclipsar o prazer pela aprendizagem, muito sustentada na transmissão, já se entende com muita dificuldade em subsistir, tal como o referem muitos autores, nomeadamente Libâneo (1998, p.29) quando sublinha que “(…) o ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais”.

Portanto, as *atividades lúdico - pedagógicas de cunho geográfico* realizadas através de ações na *sala de aula* torna-se o principal momento no fortalecimento do aprendizado, sendo conforme a pesquisa, utilizadas por 45 bolsistas do PIBID/IFRN, que atuaram nas escolas parceiras na educação básica da cidade de Natal no sub projeto de Geografia.

Os bolsistas fazendo uso da sua criatividade didática, criam, reinventam, pesquisam e descobrem métodos pedagógicos contagiantes, que facilitam a aprendizagem, tornando-a mais prazerosa, mais divertida, através de brincadeiras, jogos, músicas, filmes, danças e outros. Com o objetivo de tornar o processo ensino-aprendizagem mais interativo e alegre, possibilitando assim o aluno desenvolver-se plenamente em seu contexto social de forma significativa e contextualizada.

Oliveira (2011, p. 154) admite que a utilização de atividades pedagógicas lúdicas, tal como os jogos, favorece a construção do conhecimento geográfico:

“A proposta da utilização de jogos aplicados no ensino de Geografia prioriza a formação que o aluno tem e a forma como esse aluno aprende, tendo como objetivo a construção do conhecimento a partir das relações com a realidade, buscando fazer com que esses saberes sejam aprofundados, restaurados em diferentes momentos e de diversas formas durante a realização dos jogos.(…) Na sala de aula o jogo proporciona um espaço de encontro, de inclusão e de trabalho, tornando-se um bom utensílio, já que

cria um significado tanto para o aluno quanto para o professor. Sendo assim, o jogo contribui com o desenvolvimento do aluno, pois trabalha sua capacidade de imaginar, de planejar, de criar situações adversas, de atuar, de encontrar soluções, de construir, de interagir, de criar regras, de aceitar normas e até de se auto-avaliar. Por isso, o jogo se constitui como um bom recurso didático-pedagógico, e quando bem aplicado, pode se tornar um utensílio a mais e muito útil no processo educacional”.

As respostas dos bolsistas sobre as abordagens pedagógicas, realizadas de forma lúdica nas escolas da educação básica, traduzem bem a nossa reflexão no que diz respeito ao maior rendimento e participação dos alunos nas aulas de geografia, como por exemplo, podemos atestar nas falas que se seguem:

“Todas as atividades que foram desenvolvidas em sala de aula seguiram-se numa lógica de como poderíamos aguçar os alunos a gostarem ou sentir prazer pela disciplina de Geografia. Portanto, a partir daí, as atividades foram confeccionadas, juntamente com a Professora/Supervisora e por mim e meus companheiros bolsistas, e, após, trabalhadas. As elaborações das atividades sempre foram construídas, a partir, de então, de reuniões e de sua confecção bem pensada pelo devido assunto o qual seria apresentado durante os bimestres” (C12);

“De acordo com as possibilidades encontradas foram realizadas diversas atividades na escola e fora dela. Como exemplo, “Caça Tesouro Geográfico”, onde trabalhamos a noção de orientação através de bússolas. O segundo foi à “Cartografia temática nordestina”, nesse projeto objetivo era estimular os alunos com práticas de desenhar mapas por meio da ampliação manual. O projeto a seguir teve uma boa aceitação entre os alunos que foi o “Domínio Geográfico”, onde os alunos aprenderam brincando. Houve também uma “Gincana Geográfica” e “Cinema em Sala” (C13);

“(…) requer-se ao professor responsável pela disciplina de Geografia no turno no qual se trabalha o planejamento e os conteúdos que serão trabalhados. Com essa informação, desenvolve-se oficinas, muitas vezes lúdicas, sobre os conteúdos que o professor iria trabalhar. Desse modo, de aulas expositivas com apoio de recursos multimídia, exibição de filmes, construção de materiais e localização e atividades de cunho prático” (E22);

“Dentre as atividades realizadas na escola, pode-se destacar a abordagem de temas relacionados com a comunidade em que os alunos vivem, bem como o debate entre esses temas; a exposição de mapas didáticos; elaboração de seminários; realização de atividades de desenho e pintura; elaboração de maquetes; realização de concursos artísticos que incentivem o aluno a realizar as atividades; e apresentação de aulas com auxílio de recursos áudio visuais” (D18);

O desafio de ensinar geografia não é tarefa difícil quando realizamos por paixão o ato de formar cidadãos, as atividades pedagógicas de cunho lúdicas tem sido um diferencial no processo de ensinar, embora exija maior empenho no planejamento e na sua realização. Todavia quando se faz o ensino com paixão, esses impedimentos são facilmente dissolvidos. Com base nesse entendimento, Day (2004, p. 23) pondera que o professor apaixonado pelo ensino pode fazer a diferença na aprendizagem, pois tem a consciência do desafio de transformar a aula num momento de prazer por aquilo que ensina, por sua vez desperta no aluno o encantamento pelo que aprende:

“(…) os professores com paixão pelo ensino são aqueles que se comprometem e demonstram entusiasmo e uma energia intelectual e emocional no seu trabalho... Os professores apaixonados pelo ensino têm consciência do desafio que enfrentam nos amplos contextos sociais em que ensinam, têm um sentido de identidade claro e acreditam que podem fazer a diferença na aprendizagem e no aproveitamento escolar de todos os seus alunos. Interessam-se profundamente por eles e gostam deles. Interessam-se, também, por aquilo que ensinam e como ensinam... para estes professores, ensinar é uma profissão criativa e desafiadora. A paixão não é uma escolha, mas sim um elemento essencial para um ensino de qualidade”.

Para que o professor se aperceba do valor que tem a disciplina de geografia na sua vida é preciso que se encante, se apaixone pelo seu fazer pedagógico e busque métodos atraentes e facilitadores para a apropriação desse conteúdo “gostoso de aprender”, como assim verbalizam os alunos de forma espontânea quando se referem à sua satisfação por certo conteúdo da geografia. Ao fazer a diferença qualitativa na forma de aprender, o professor apaixonado pelo seu fazer pedagógico instiga seu aluno a fazer uma leitura crítica do mundo, buscando, por conseguinte, uma sociedade mais justa e inconformada com desacertos surgidos na realidade local/global.

A diversidade de recursos didáticos que conduz ao prazer em aprender geografia despertou nos bolsistas um grande interesse em utilizar os mais diversos usos, nas escolas públicas parceiras do PIBID, nas suas atividades colaborativas de ensino. Partiram da sala de aula e empreenderam novas práticas pedagógicas como também reformularam as ideias existentes no intuito de motivar os alunos no processo de aprendizagem da geografia.

A tarefa de provocar a motivação no desejo de aprender deve ser inerente ao papel do professor, Santomé (2006, p.65) reitera que as tarefas de aprendizagem devem ter relevância para despertar o interesse dos alunos:

“(…) Uma tarefa urgente para os professores consiste em substituir todo o discurso conservador da ‘cultura do esforço’, pela ‘cultura da motivação’,

como forma de despertar a curiosidade por aprender. É preciso convencer os alunos da importância e da utilidade das aprendizagens que lhes são propostas. Criar condições e estímulos que despertem o seu interesse e os levam a esforçar-se, para que, deste modo, também os professores possam reclamar a necessidade de esforçar e de exigir que se esforcem”.

Ensinar geografia desperta uma paixão pela importância fundamental que tem esse componente curricular em explicar o espaço que habitamos, as relações entre cidadãos e a relação destes com a natureza, tornando-se prazeroso e estimulante para o estudante e o professor refletirem suas próprias existências, seus momentos de vivência atuais e suas perspectivas futuras.

No que se refere às *atividades extras sala de aula*, apontadas por 18 bolsistas, que afirmaram desenvolver várias ações de aprendizagem em áreas exteriores à sala de aula, em pátios, quadras, áreas de lazer, entorno da escola ou mesmo fora da cidade. Os bolsistas atribuem uma importância valiosa, e atrativa para o aluno da educação básica, a este tipo de atividade, pois o leva ao conhecimento de forma empírica do espaço geográfico, de forma a responder ao: O que perceber? Como conduzir-se? De que forma se orientar? Como registrar? Quais reflexões a serem feitas? Questionamentos esses refletidos, antecipadamente com os alunos, antes da incursão para as aulas externas. Essa preparação prévia é de suma importância para um melhor aproveitamento e compreensão do espaço geográfico. Após a orientação inicial os bolsistas acompanhados dos alunos da educação básica, partiram para o estudo do meio em diversos tipos de locomoção, com o fazer a leitura da paisagem, de forma prática, em vários lugares do espaço geográfico, como destacamos nas falas abaixo:

“Reforço escolar na elaboração de aulas mais dinâmicas com aulas de campo proporcionando o estudo do meio” (C11);

“(…) além do passeio feito no “Barco Escola” no qual o aluno aprendeu um pouco mais sobre o ecossistema do Rio Potengi” (C13);

“(…) aula de campo para a praia do forte (a qual fica nas proximidades da escola) para conhecimento e vivência sobre relevo submarino, atividades econômicas da região, dentre outras” (D16);

“(…) aulas de campo mostrando aspectos naturais, urbanos e humanos do bairro em que os alunos moram” (D18);

“Foram desenvolvidas atividades como viagens de trem para leitura da paisagem e análise do cenário urbano e rural” (E24).

As atividades de campo, como visitas à instituições, viagem para outros sítios urbanos apesar da importância ressaltada, exigem desprendimento financeiro, o que dificulta maior utilização desse recurso didático, porém, diante da vontade de fazer um aprendizado mais significativo para o aluno, o

professor encantado com a docência não mede esforço para atingir seu objetivo, lança mão de várias articulações no meio escolar para a realização do projeto da aula externa, nesse sentido Selbach (2014, p.69) assevera que, apesar das dificuldades enfrentadas na realização de uma aula de campo, sempre que for possível, é útil e gratificante: “(…) Não é fácil promover com os alunos uma excursão, desenvolver um trabalho de campo. Não é fácil, mas sempre que é possível é extremamente útil”. Ressalta-se que no interesse maior de fazer acontecer a aula de campo, como forma de complementação do conhecimento trabalhado em sala de aula, os alunos terminam por se cotizarem para assumir as eventuais despesas, fato esse que dificulta a execução dessa prática educativa, na maioria das vezes, ou passa a se realizar de forma limitada.

Outra forma de atuação dos bolsistas se dá através de interferências no *apoio atividades didáticas gerais da escola*, referido por 14 bolsistas como ações também realizadas nas escolas de sua atuação. Esta coparticipação nos demais projetos educativos da escola se faz na forma de envolvimento nas feiras de ciência, em palestras temáticas, confecção de jornais informativos, na colaboração com outros programas institucionais externos implantados também na escola, ou ainda, em projetos elaborados pelas demais disciplinas estudadas pelos alunos numa ação pedagógica interdisciplinar, nessa intenção Selbach (2014, p. 125), afirma que os temas recebidos pelos alunos têm uma inter-relação entre eles, cabendo ao professor compreender a importância da coparticipação entre os componentes curriculares da escola:

“(…) trabalhar geografia como uma ‘ferramenta’ interdisciplinar não implica que o professor tenha que conhecer elementos e fenômenos de todas as disciplinas que o aluno está estudando, mas que saiba se insinuar como um propositor de desafios, levando os alunos a essas ligações. São elas indispensáveis para um bom aprender, pois a organização de saberes em disciplinas nada mais é que um processo de apresentação dos conteúdos e, portanto, constitui missão imprescindível de todo bom professor destacar que os temas trabalhados por ele jamais se isolam de muitos outros que o aluno aprende”.

As atividades desenvolvidas em cooperação com o planejamento da escola, ou seja, além da sala de aula de geografia, tem sido a oportunidade de o bolsista conhecer com mais profundidade os demais setores que compõem o contexto escolar e que tem influência direta no aprendizado do aluno. São diversas atividades que fazem parte da programação letiva, tendo a função de divulgar as ações pedagógicas da instituição como também promovidas por instâncias externas da sociedade ou executadas por outros projetos de caráter educativo, como destacamos nas expressões dos bolsistas abaixo citadas:

“(…) Organização de atividades dinâmicas como a Feira de Conhecimento Anual voltada ao ensino da

geografia... Criação do “Machadão Notícias”, um projeto que prioriza as notícias escolares através de vídeos da internet” (A1);

“A maior parte das atividades são de apoio a outro projeto da escola (+ educação)” (H38);

“(…) Parcerias: juntamente com outros programas da escola. O PIBID busca contribuir com o sucesso e execução dos mesmos, que também são do programa de geografia” (H40);

“Desenvolvi juntamente da minha equipe, uma sala temática na feira de ciências da escola” (I44);

“(…) ajudamos na criação da primeira feira do conhecimento da escola” (I45).

Entendemos que a ação do bolsista deva ir além das suas atividades nas aulas de geografia, pois a descoberta da funcionalidade do ambiente escolar como um todo permite uma reflexão real do seu futuro ambiente de trabalho, no qual o mesmo pode perspectivar suas interferências em benefício do processo de ensino e aprendizagem.

A fim de concluir

Os fatores revelados na pesquisa demonstram a relevância que tem o PIBID no “despertar da paixão” pela prática educativa, ou seja, promove nestes bolsistas um encantamento pela docência na geografia, proporcionando, logo no início da graduação, o contato direto com a escola, possibilitando desta feita, a vivência efetiva do trabalho colaborativo docente, experimentando a relação teoria-prática, sob a orientação de um professor da rede da educação básica, com a função de supervisor das diversas atividades didático-pedagógicas inerentes ao trabalho docente.

Diante dos resultados apresentados, observa-se que desafios são colocados na formação dos licenciandos em geografia e na prática da profissão em formação, fato esse, comum a todas as formações acadêmicas em destaque, a prática da profissão docente. Nesse contexto, o PIBID emerge como elemento potenciador na inserção do graduando em geografia na sala de aula de geografia.

Os bolsistas do PIBID, através das práticas colaborativas à docência, planejam e desenvolvem atividades lúdico pedagógicas em sala de aula, essas estratégias didáticas diferenciadas instigam o aluno da educação básica a sentir prazer em aprender os conteúdos geográficos.

Assim, a experiência vivenciada pelos bolsistas, de forma antecipada, na sala de aula, através do PIBID, permitirá um amadurecimento pessoal que terá repercussão na formação docente. Portanto, asseveramos que o contato do formando, quanto mais prévio com a sua futura realidade, possibilitará melhor desempenho profissional. São essas, entre tantas motivações para participar do PIBID, as que se revelam pelas falas dos bolsistas.

Referências

- Day, C..(2004) *A paixão pelo ensino*. Porto. Porto editora.
- Libâneo, J.C.(1998). *Adeus professor, adeus professora?:novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo. Cortez editora.2 ed.
- Oliveira, J. R . (2011) O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em Geografia/UFV. In: *XI Encontro Nacional de Prática de Ensino e Geografia (ENPEG) - XI ENPEG, 2011, Goiânia - GO: UFG. Anais do XI ENPEG*. Obtido em <http://pibidgeografiaufv.blogspot.com.br/>. Acessado em 12 dezembro de 2106.
- Santomé, J.T. (2006). *A desmotivação dos professores*. Mangaulde: Edições Pedagogo.
- Selbach, S. (2014). *Geografia e didática*.(supervisão geral). 2. ed. – Petrópolis, RJ. Vozes, (Coleção Como Bem Ensinar/coordenador Celso Antunes). Vários autores. Petrópolis. RJ.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) no âmbito do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562.

